



Universidade Regional do Cariri (URCA)
Campus Maria Violeta Arraes de Alencar
Gervaseau, Crato/CE, Brasil
ISSN-

“A IMAGEM É UM, O OUTRO É A OPERAÇÃO ARITMÉTICA”

Maria Regilâni Ângelo de Souza¹, George Lucas da Silva Ferreira², José Romário Oliveira da Silva³, Francisco Felipe Tavares de Sousa⁴, Fabio José Rodrigues da Costa⁵

RESUMO

Esta pesquisa, fruto de uma metodologia reflexiva-analítica de leitura de imagens em sala de aula, busca entender como se dá o ensino aprendizagem por meio desta proposta. O trabalho está em andamento e segue para o segundo estágio de aplicabilidade, que é direcionado para a leitura de imagens de obras que tem como proposta a temática gênero. Para isso, serão utilizadas obras como *O grande rio* e *Pensamentos do coração* do artista contemporâneo José Leonilson, assim como obras de Felix González Torres e Frida Kahlo.

Palavras-Chave: Leitura de Imagens. Ensino. Gênero.

"THE IMAGE IS ONE, THE OTHER IS ARITHMETIC OPERATION"

ABSTRACT

This research, the result of a reflexive-analytical methodology of reading images in the classroom, seeks to understand how teaching is taught through this proposal. The work is in progress and goes to the second stage of applicability, which is directed to the reading of images of works that have as proposal the thematic gender. For this, will be used works such as *The Great River* and *Thoughts of the heart* of contemporary artist José Leonilson, as well as works by Felix González Torres and Frida Kahlo.

Keywords: Reading Images. Teaching. Genre.

¹ Graduanda em Licenciatura em Música pela Universidade Federal do Cariri – UFCA. Bolsista pelo Programa Residência Pedagógica. Professora de Música no Colégio Álvaro Madeira – Crato – CE, regilanimaria@gmail.com

² Graduando em Artes Visuais pela Universidade Regional do Cariri – URCA, Bolsista do Programa de Residência Pedagógica, lucasssss.com@gmail.com

³ Mestrando em História e Letras pelo Mestrado Interdisciplinar em História e Letras – MIHL, UECE/FECLESC, romario_oliveira.s@hotmail.com

⁴ Graduado em Comunicação Social – Jornalismo Pela UFC (Universidade Federal do Ceará, Graduando em Licenciatura em Música pela UFCA – Universidade Federal do Cariri, Bolsista pelo Programa de Educação Tutorial - PET música UFCA, felipetavaresufc@yahoo.com.br

⁵ Doutor em Artes Visuais pela Universidade de Sevilla, Espanha (2007), Professor associado à Universidade Regional do Cariri – URCA, fabio.rodriques@urca.br



Universidade Regional do Cariri (URCA)
Campus Maria Violeta Arraes de Alencar
Gervaseau, Crato/CE, Brasil
ISSN-

INTRODUÇÃO

Vivemos em um país com riqueza de línguas (aproximadamente 180 línguas faladas, em sua maioria indígena), com uma variedade de raças, etnias, gêneros, estilos musicais, moda, etc. No entanto, o brasileiro não aprende a visualizar tal diversidade. Há ainda uma significativa massa que conserva ideias e comportamentos que não condizem com o colorido do país. Há cores, mas há também uma acromia. Neste sentido, ao se abordar o âmbito educacional, a escola torna-se um lugar de “adestramento”, e não de disseminação e construção de novas visões de mundo. A violação à sexualidade é um tema recorrente no âmbito escolar. Ouve-se ainda nos corredores: “saiu do armário”, “ela só quer ser homem”, “seja homem! Homem não chora!” “ande como um homem”, etc. A falta de reflexão em sala de aula acerca da reprodução de tais comportamentos possibilita a sua disseminação sem saber como isso afeta os colegas. “O preconceito sexual – que se estimula – através de ‘piadinhas’, ‘brincadeiras’ e várias maneiras de *bullying* - surge como que automatizado e, muitas vezes, encontra-se estereotipado à luz do comportamento conservador [...]” (Silva, 2013. p.14). Assim, de acordo com Silva (2013, p.16), percebe-se que “A discriminação contra homossexuais, negros, indígenas, meninas e meninos tímidos ou recatados, mulheres lésbicas, transexuais, bissexuais e outras formas de orientação sexual é latente” e precisam ser discutidas seriamente no âmbito escolar. Como afirma a mesma autora, existem variadas formas de ver o outro, e o professor pode propor essa educação para um novo olhar. Em 1949, a escritora Simone Beauvoir utilizou pela primeira vez a palavra gênero, em seu livro *O segundo sexo* e afirmou “mulher não nasce mulher, torna-se mulher”. Vemos então que gênero é caracterizado por uma identidade formada socialmente. Segundo Louro (1997) e Braga (2007), a expressão *gênero* começou a ser empregada precisamente para marcar as diferenças entre homens e mulheres não sendo apenas de ordem física e biológica. A questão especificamente do gênero, no seu sentido mais recente, “parece ter aparecido primeiramente entre as feministas americanas que queriam insistir no caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo” (SCOTT, 1989. p. 3). Estamos pautados ainda numa educação do século passado, educação que tem como objetivo estimular o centro cognitivo e apenas adquirir informações, porém desde a descoberta e publicação do livro múltiplas inteligências do Harold Gardner (1995) nos deparamos com um modelo muito mais complexo, e, não há de se negar que arte é tanto um ato intelectual quanto emotivo. É notável a quantidade de imagens de artistas que abordaram a temática e que foram esquecidos, como por exemplo, o Leonilson (1957) na sua obra *O grande rio*, e *Pensamentos do coração*, com sua temática homoafetiva, e ainda, Frida Kahlo no seu percurso pictórico, tornando como máxima as palavras de Paulo Freire: “Minha presença no mundo não é a de quem nele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem nele luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também na história” (FREIRE, 1996, p. 60). Precisamos ler e ensinar a ler. Não apenas ler textos cifrados em letras, mas leitura sonora, e a leitura visual. Ao pensar na leitura sob a perspectiva da Análise do Discurso, alguns conceitos merecem ser mencionados. É preciso ressaltar o que é aqui compreendido como leitura, texto e discurso. O conceito de leitura é amplo, abordando questões que incluem a “leitura de mundo” (FREIRE, 1996) e a percepção da imagem audiovisual e do movimento, ou seja, a sintetização dos sentidos.



Universidade Regional do Cariri (URCA)
Campus Maria Violeta Arraes de Alencar
Gervaseau, Crato/CE, Brasil
ISSN-

METODOLOGIA

Esta pesquisa em andamento caracteriza-se como pesquisa-ação, pois nela, “o pesquisador se integra no processo e seu objetivo é agir sobre a realidade” (Bastos, 2011, p. 37). De acordo com Bastos (2011), ainda, “o objeto de investigação não é constituído pelas pessoas e sim pela situação social e pelos problemas de diferente natureza encontrados nessa situação”. Em relação à abordagem da pesquisa, configura-se como qualitativa, que de acordo com a mesma autora, não há interesse numérico, e “há uma maior preocupação com o aprofundamento e a abrangência da compressão das ações e relações humanas (...)”. O trabalho teve início em aulas propostas para o EJA (Educação para Jovens e Adultos), no Instituto Federal do Ceará – IFCE. Bolsistas do Programa Residência Pedagógica, se reuniram para ministrar aula de Arte a alunos com idade entre dezoito e cinquenta anos. Logo, visualizou-se que estimular a reflexão através de imagens, pode aliciar uma maior compreensão do conteúdo proposto. Iniciamos com obras de cunho mais histórico, como por exemplo, a obra de Francisco de Goya, *Saturno devorando um de seus filhos*. O segundo trabalho busca entender a aplicabilidade de tal metodologia em sala de aula, com temas que contemplem as discussões de gênero, tão importantes para a formação dos alunos. Assim, usar-se-á obras como *O grande rio* e *Pensamentos do coração* do artista contemporâneo José Leonilson, como também, obras de Felix González Torres, e Frida Kahlo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

As questões humanas, éticas e de respeito pelo outro devem ser primordiais ao ensino puramente técnico, e foi a partir desta reflexão que se começou a aplicar a leitura de imagens nas aulas de Arte no Instituto Federal do Ceará – IFCE, na turma do EJA. Iniciou-se com a leitura de imagens de maneira mais ampla, criando assim um aparato de percepções sobre o que é leitura e como podemos ler das mais diversas maneiras. Pois, ensinar arte propõe ensinar a ver, a enxergar desde o que há de mais banal a questões mais profundas, e (re)significar as visões vigentes. Visto isso, o próximo passo é a aplicação dessa metodologia por meio da reeducação de imagens com direcionamento para às questões de gênero, pois tantos preconceitos se inserem no fato de que “nosso entendimento é uma força de superfície, é superficial” (Nietzsche, 2017, p. 28). Os alunos reagiram a leitura de imagens de forma crítica e analítica, no entanto, a primeira impressão deixa vestígios de uma *bagagem* preconceituosa, que espelha o conservadorismo vigente, e no caso aqui abordado, no âmbito escolar. As leituras foram ganhando um embasamento mais profundo, no decorrer das aulas, notando-se assim, que estamos acostumados a ver e não enxergar. Em outras palavras, que não somos instigados a desenvolver uma visão mais profunda sobre o que vemos. Logo, como poderia ser diferente se o professor não busca uma metodologia que se adeque a realidade dos alunos? A proposta de uma metodologia reflexivo-analítica busca entender se a leitura de imagens pode propiciar uma visão mais *raiz* das coisas, e assim questionar as visões preestabelecidas.



Universidade Regional do Cariri (URCA)
Campus Maria Violeta Arraes de Alencar
Gervaiseau, Crato/CE, Brasil
ISSN-

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, faz-se necessário abrir a possibilidade de se pensar em leitura de textos multimodais, principalmente por estar inserida em uma sociedade contemporaneamente multimídia. Logo, acreditamos que a leitura de imagens em sala de aula, de maneira analítica e reflexiva, pode proporcionar ao aluno, o desenvolvimento de uma visão mais holística, mais humana.

REFERÊNCIAS

- BRAGA, Eliane Maio. A questão do Gênero e da sexualidade na educação. In: RODRIGUES, Eliane; ROSIN, Sheila Maria (orgs). **Infância e práticas educativas**. Maringá – Pr. EDUEM. 2007.
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, O. **Dicionário de Análise do Discurso**. Tradução Fabiana Komesu. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 34. ed. São Paulo: Paz e terra, 1996.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- LOURO. Guacira. Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. 2ª ed. São Paulo: Vozes, 1997.
- Mayer. B. N. et al., **Brineshrimp**: A convenient general bioassay for active plant constituents. Planta Médica. 1982.
- NIETZSCHE, Friedrich. **O Livro do Filósofo**. São Paulo, Editora Escala 2007.
- SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila New York, Columbia University Press. 1989.
- SILVA, Ariana Kelly Leandra Silva da. Diversidade sexual e de gênero: a construção do sujeito social. **Rev. NUFEN** vol.5 no.1 São Paulo, 2013.